

Currículo para os pequenos: o espaço em discussão!

Gizele de Souza*

RESUMO

O presente artigo se dispõe a apresentar algumas notas sobre trabalhos na área de educação, em especial de Educação Infantil, sobre a temática da organização do trabalho pedagógico, elegendo o espaço como eixo do debate. Foram selecionados textos de autores nacionais e estrangeiros, frutos de produções recentes publicadas em língua portuguesa. A análise é feita, prioritariamente, a partir de contribuições advindas do campo da Geografia – em destaque para as reflexões de Milton Santos – e da História da Educação, por meio das considerações do pesquisador espanhol Antonio Viñao Frago. O objetivo é contribuir para o debate sobre currículo/propostas educativas voltadas à educação de crianças pequenas, assim como contribuir para as investigações sobre a temática do espaço escolar. *Palavras-chave:* educação infantil, espaço escolar, currículo para crianças de zero a seis anos.

ABSTRACT

This article examines some recent works in the education field, especially in childhood education, about subjects of pedagogy work organization, selecting the space as center of the debate. Local and international authors were selected, as a result of recent publications in the portuguese language. The analysis is done, particularly from contributions of the geography field, with Milton Santos and Historia's reflexions standing out with the spanish researcher Antonio Viñao Frago. The goal is to contribute for the curriculum/education propositions directed to younger kids, and also add to the investigation of the school space subject. *Key-words:* early childhood education, school space, children's curriculum of 0 to 6 of age.

* Doutoranda em Educação: História, Política e Sociedade pela PUC/SP. Professora do Setor de Educação da Universidade Federal do Paraná. gizsouza@educacao.ufpr.br

Primeiras questões

Este texto se destina a refletir sobre currículo para a educação de crianças pequenas, guiado pelo debate a respeito do espaço escolar. Considerando que “currículo é lugar, espaço, território. O currículo é relação de poder. O currículo é trajetória, viagem, percurso. O currículo é autobiografia, nossa vida, curriculum vitae: no currículo se forja nossa identidade. O currículo é texto, discurso, documento. O currículo é documento de identidade.” (SILVA, 1999). Assim, a direção do texto não encontra-se na análise das teorias e propostas curriculares produzidas e destinadas à Educação Infantil, mas pauta-se em apresentar notas sobre alguns trabalhos publicados na área da educação e, em especial em Educação Infantil, no que se refere à temática do espaço. Privilegia-se trabalhos recentes que tenham, de forma explícita, tomado o espaço e em algumas situações a relação espaço-tempo como escopo das discussões pedagógicas.

Recentemente, o debate sobre tempos, espaços e saberes escolares vem marcando o campo da educação brasileira e internacional. Considera-se para fins deste artigo, o exame de produções nacionais e internacionais (em menor escala), estabelecendo como um critério publicações estrangeiras que foram traduzidas para a língua portuguesa.

A finalidade reside no exercício de apreensão de elementos consensuais, problemáticos e dissonantes na literatura acadêmica educacional que vem sendo produzida em relação ao tema do espaço escolar, bem como refinar a crítica sobre os nossos tropeços e acertos no ofício da investigação. São eleitos dois campos do conhecimento – a Geografia e a História da Educação – como perspectivas orientadoras desta tarefa, em especial por meio dos trabalhos de Milton Santos e Antonio Viñao Frago. Isso não obscurece ou minimiza as valiosas contribuições da área da Pedagogia.

Eloísa ROCHA (1999), ao analisar a produção de pesquisa em Educação Infantil apresentada na Anped (Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação), sobretudo no Grupo de Trabalho de Educação da Criança de 0 a 6 anos, referente ao período entre 1990 e 1996, indica inúmeras expressões que a área vem tomando neste fórum de pesquisas e debates. A partir de uma revisão da trajetória histórica desse Grupo de Trabalho na Anped, apresenta um quadro de tendências favoráveis à área de Educação Infantil, por exemplo, no que diz respeito ao crescimento “de pesquisas que se voltam, desta vez, para estudos que investigam os diferentes aspectos das relações travadas nas instituições de Educação Infantil.” (ROCHA, 1999, p. 58) Den-

tre os destaques feitos, sublinha-se aqui o concernente à “grande diversificação dos temas pesquisados” e apresentados na Anped no período analisado. Embora tenha sido identificado por ROCHA que muitos dos temas novos não obtiveram continuidade, registra, contudo, que em muitos desses trabalhos o significado foi de abertura de novos campos de investigação, constituindo algumas rupturas conceituais contemporâneas na área, “tais como os direitos das crianças, os cuidados e a alimentação, o espaço físico e a arquitetura [...]”. Outro aspecto interessante dessa avaliação realizada por ROCHA (1999) volta-se para as questões metodológicas. A autora informa que entre os estudos que buscaram estabelecer diálogos em relação a outros campos do conhecimento foram feitos com maior frequência os de Educação e Psicologia (correspondente à metade do total dos trabalhos) e, em seguida, Educação e História (correspondente ao equivalente de 7% do total dos trabalhos apresentados), e, dentre outros cruzamentos menos freqüentes, é apresentado a interface com a Antropologia, as Artes, Serviço Social, as Ciências Políticas, a Comunicação e a Arquitetura (correspondente ao equivalente de 15% do total de trabalhos).¹ O que vale comentar é a presença já identificada do tema *espaço físico e arquitetura* nas pesquisas em Educação Infantil, na instância da Anped. No entanto, de acordo com as informações dispostas por ROCHA (1999) é possível afirmar que essa presença ainda é tímida, frágil, inconstante e a interface da Educação Infantil com outros campos do conhecimento, que vem alimentando os debates sobre o tema do espaço e tempo escolar como, por exemplo, a História, Arquitetura, Geografia, tem sido feita pela área de Educação Infantil, na tradução dos trabalhos socializados na Anped referentes ao período de 90 a 96, de modo extremamente restrito. Isso não obscurece os avanços que a própria área vem realizando no espaço interno da Anped, do mesmo modo que vem se fortalecendo no terreno da produção acadêmica e da organização política.² Todavia, constitui-se em um exercício importante

1 ROCHA (1999) analisa trabalhos apresentados na Anped no período entre 1990 a 1996, num total de 122 trabalhos – sendo 110 do Grupo de Trabalho da Criança de 0 a 6 Anos e 12 de outros Grupos de Trabalho.

2 Desde setembro/99 na 22.ª Reunião Anual da Anped, realizada em Caxambú/MG, iniciou-se um processo de mobilização traduzido na constituição de um *Movimento Interfóruns de Educação Infantil do Brasil*, instância que congrega fóruns de Educação Infantil de diversos Estados e regiões do país. Os objetivos desse Movimento residem em três direções: possibilitar uma mobilização e articulação nacional comprometida com a Educação Infantil; atuar junto a esferas públicas, órgãos e entidades de caráter nacional, visando acompanhar e intervir nas políticas de Educação Infantil, e divulgar para a sociedade brasileira uma concepção de Educação Infantil comprometida com os direitos fundamentais das crianças e de suas famílias. Essas questões foram extraídas do 1.º Projeto do Movimento Interfóruns de Educação Infantil do Brasil, de dezembro/1999.

problematizar o modo de inserção que o tema do espaço vem apresentando na área de educação de crianças pequenas e as interfaces teóricas e metodológicas com outros campos do conhecimento.

Pretende-se, neste espaço, indicar alguns caminhos percorridos pela área de Educação Infantil no tocante ao debate sobre currículo para os pequenos, atentando para o espaço como eixo da proposta pedagógica.

O espaço físico e a organização do trabalho para os pequenos

BARBOSA e HORN (2001) propõem que a organização do espaço-tempo na Educação Infantil seja feita a partir da observação daquilo que é objeto de brincadeira das crianças, como estas se desenvolvem, as preferências dessas crianças, bem como o contexto sociocultural no qual a proposta pedagógica está inserida. A perspectiva apresentada é de que o espaço e o tempo são categorias de organização das atividades com as crianças pequenas. “A idéia central é que as atividades planejadas diariamente devem contar com a participação ativa das crianças, garantindo às mesmas a construção das noções de tempo e de espaço, possibilitando-lhes a compreensão do modo como as situações sociais são organizadas e, sobretudo, permitindo ricas e variadas interações sociais”. (BARBOSA; HORN, 2001, p. 67-68) É interessante pensar que o conceito de espaço é multiforme, se destina a qualificar situações, ambientes, estruturas, distâncias, extensões, lugares. Mas, conforme alerta SANTOS (1997),³ o “espaço social, como toda realidade social, é definido metodologicamente e teoricamente por três conceitos gerais: a forma, a estrutura e a função.” Recorrendo a Lefèbvre, SANTOS (1997) afirma que assim todo espaço social pode ser objeto de uma análise formal, estrutural e funcional, mas que essas possibilidades de análise não devem ser feitas de modo dicotômico (SANTOS, 1997, p. 38). Quando BARBOSA e HORN propõem a “Organização das Atividades no Espaço”, crivam a perspectiva do espaço como ambiente destinado às crianças e como seleção de atividades a serem materializadas nesse ambiente e alertam que ao se pensar no espaço

3 O texto presente de SANTOS, intitulado “Da sociedade à paisagem: o significado do espaço do homem”, foi escrito em abril de 1978, mas compõe uma coletânea de artigos, estando na sua 4.ª edição, datada de 1997.

para as crianças é preciso “levar em consideração que o ambiente é composto por gosto, toque, sons e palavras, regras de uso do espaço, luzes e cores, odores, móveis, equipamentos e ritmos de vida. Também é importante educar as crianças no sentido de observar, categorizar, escolher e propor, possibilitando-lhes interações com diversos elementos.” (BARBOSA; HORN, 2001, p. 73)

O texto de BARBOSA e HORN (2001) apresenta um roteiro de opções de organização de atividades no tempo e no espaço das instituições de Educação Infantil. É uma boa possibilidade para aqueles que estão mergulhados nos “fazeres da prática”, bem como para quem, por ofício, se dedica a esquadrihar a realidade das crianças e instituições infantis. Não obstante, identifica-se a necessidade de examinar a caracterização dos tempos e espaços nas instituições de crianças pequenas, as representações históricas e determinações socioculturais que vêm marcando as atribuições e os usos dos próprios espaços institucionais e interpessoais. Não são tarefas excludentes – caracterizar, analisar e propor –, são desafios postos a todos nós!

O sugestivo nome “Espaço que dê espaço” é título do artigo de THIAGO (2000), trabalho que compõe a coletânea de textos que trazem histórias “vivas no cotidiano da educação infantil, no espaço curricular do curso de Pedagogia (habilitação educação pré-escolar) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)” (p. 10). A autora assume que a experiência de estágio com crianças pequenas mudou de forma significativa o seu olhar sobre a tarefa do educador infantil e sobre o planejamento pedagógico voltado para a educação de crianças pequenas, de zero a três anos. No texto, encontram-se descrições de como o projeto de estágio foi se desenvolvendo, como os espaços foram sendo criados junto às crianças, dando novas funções e arranjos para as prateleiras, mesas, bancos, painéis, espelhos – objetos transformados para as crianças e a seu favor. A autora entende que “é preciso oferecer espaços com propostas diferenciadas, situações diversificadas, que ampliem as possibilidades de exploração e ‘pesquisa’ infantis.” (THIAGO, 2000, p. 59) Nesse estudo, a autora trabalha com a idéia de organização dos espaços como tentativas de organização de “zonas circunscritas” – referência feita a partir das considerações presentes em trabalho de CARVALHO e RUBIANO (1994), intitulado *Organização do espaço em Instituições Pré-Escolares*.⁴ Afirma ter feito tentativas de organizar tais “zonas circunscritas” no espaço de sala de

4 THIAGO (2000), faz uma explicitação sobre “zonas circunscritas”, que, segundo CARVALHO e RUBIANO, referem-se a um certo tipo de arranjo espacial que delimita claramente áreas no ambiente, em pelo menos três lados, por meio de barreiras (mobiliário, parede, desnível de solo, etc).” (CARVALHO; RUBIANO, apud THIAGO, 2000, p. 58)

aula e sugere que os espaços sejam previstos de modo a serem melhor organizados e contemplados pelo planejamento pedagógico.

A coletânea *Educação Infantil: muitos olhares* (1994), fruto de pesquisas apresentadas pelo Grupo de Trabalho Educação de Crianças de Zero a Seis Anos, da Anped, reserva um texto que elege como alvo de reflexão a “Organização do espaço em Instituições Pré-Escolares”. As autoras indicam que a finalidade do trabalho está em “auxiliar o leitor a reconhecer como aspectos físicos do ambiente exercem impacto sobre os comportamentos de seus usuários e como o educador pode organizar ambientes em função dos objetivos que pretende atingir.” (CARVALHO; RUBIANO, 1994, p. 108) Há indicações claras de fontes teóricas firmando o posicionamento baseado “em uma visão sistêmica de desenvolvimento, que enfatiza a relação bidirecional entre pessoa/ambiente”.⁵ Diante dessa perspectiva, o trabalho apresenta a idéia de “arranjo espacial”, “que diz respeito à maneira como móveis e equipamentos existentes em um local posicionam-se entre si.” (CARVALHO; RUBIANO, 1994, p. 117)⁶ Em meio ao relato de experiência de assessoria a creches em Ribeirão Preto, as autoras mesclam observações sobre a organização do espaço e pistas de como entender tal organização. Afirmam que com esse trabalho podem ter auxiliado a reflexão da importância dos aspectos físicos dos ambientes e as mensagens comunicadas por esses ambientes e reafirmam a “necessidade de incluir esses aspectos no planejamento de ambientes infantis coletivos.” (CARVALHO; RUBIANO, 1994, p. 126)

Os anos 90 foram palco de inúmeros debates. O tema do espaço já se acenava no início desses anos em pesquisas e experiências curriculares espalhadas pelo Brasil. Em 1992, foi publicado *Creches: crianças, faz de conta & cia*, material produzido através das experiências de psicólogos e pedagogos vinculados ao Centro Brasileiro de Investigação sobre Desenvolvimento e Educação Infantil – Cinedi –, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto/USP e da Creche “Carochinha” – Coseas/USP-RP. O objetivo declarado desse livro “é contribuir para a formação do educador de creche, fornecendo-lhe alguns fundamentos e idéias para a construção de um trabalho criativo com as crianças sob sua responsabilidade.” (OLIVEIRA et al., 1994, p. 9) É explicitado a concepção sociointeracionista de desenvolvimento como suporte da proposta educacional exposta. Há um momento es-

5 Sobre tal perspectiva teórica são indicados vários autores, tais como: BRONFENBRENNER, MOORE, STKOLS, VALSINER etc.

6 É citado o estudo de A. Legendre, em creches francesas, sobre o papel de diferentes arranjos espaciais como suporte de interações entre crianças pequenas.

pecífico do trabalho que se propõe a discutir “A organização do tempo e do espaço de atividades”. A partir da perspectiva de que “educar é guiar, é orientar”, as autoras defendem que as atividades têm que ser planejadas para propiciar uma “direção estimuladora.” (OLIVEIRA et al., 1994, p. 75) Esclarecem todavia que o planejamento não corresponde à previsão de atos a serem seguidos obrigatoriamente e controlados. Contrariamente, a proposta relatada é organização de variadas atividades, com diversidade de materiais e em espaços físicos determinados para grupos de crianças (OLIVEIRA et al., 1994, p. 76). A sistemática do texto permitiria aqui derivar inúmeras questões, no entanto, reserva-se aos seguintes destaques: o trabalho na creche, hoje na Educação Infantil, deve atentar para a consideração do tempo na pluralidade de relógios (biológico, histórico, psicológico) e que o tempo deve ser pensado em consonância com o espaço, na perspectiva de criar “um rico ambiente interacional”. “Em relação ao espaço físico da creche, o tamanho das salas e dos espaços abertos, a densidade de ocupação de uma área [...], a existência de áreas abertas, fechadas ou semi-abertas para serem utilizadas pelas crianças são alguns fatores que possibilitam-lhes maior ou menor oportunidade de interação.” (OLIVEIRA et al., 1994, p. 81-82) Outro aspecto sugerido pelas autoras é a utilização de áreas externas à da instituição infantil “como espaço de atividades das crianças”, tais como praças, jardins próximos, e outros (p. 86).

Em “Os espaços físicos”, capítulo específico de livro organizado por WAJSKOP e ABRAMOWICZ (1995), com a afirmação inicial de que “todo espaço físico é um território cultural: a ser ocupado, construído, bagunçado, organizado, marcado por experiências, sentimentos e ações das pessoas” (p. 30), declara-se o espaço como objeto construído e destitui-se, portanto, a dimensão natural, idflica. Por constituir-se em um material orientador de atividades, o texto possui a característica de pequenos trechos, cortados por imagens que exemplificam como organizar os espaços físicos e com indicações das finalidades sobre tais disposições espaciais, bem como questões “Para pensar” e referências bibliográficas “Para saber mais”. Acredita-se que, por opção didática, há uma separação entre espaços internos e espaços externos, com finalidades específicas, por exemplo: “Espaços internos – as salas de atividades” e “espaços externos devem: propiciar e acolher as necessidades de fabulação e de imaginação das crianças [...]” (WAJSKOP; ABRAMOWICZ, 1995, p. 38-51). A necessidade de fabulação, de criação deve e pode ser propiciada em espaços internos e externos, ao mesmo tempo que espaços internos podem ser pensados no alargamento da noção de “salas”. Talvez o “tom prescritivo” do texto permita considerações como essas. Cabe sublinhar que este mesmo material oferece um rico repertório de situações para o trabalho nas instituições infantis.

Observa-se que a questão do espaço aparece usualmente colada ao planejamento e fortemente qualificada – espaço como potencializador e organizador de atividades. Mesmo que alterando-se a natureza dos textos e até diferenciando-se das perspectivas teóricas em que esses textos se subsidiaram, há um elemento comum no centro da roda – a relação atividade e espaço e, em alguns casos, espaço/tempo. Longe de estabelecer adjetivações sobre essa relação, uma tarefa mais estimulante é de apreender os significados que vêm sendo dados pela área de educação e Educação Infantil no tocante ao tema do espaço: será espaço sala? Será espaço plano de ações dispostas? Será espaço interações? Será relações? Tantas associações podem ser feitas, mas vale o lembrete que o conceito tem história, tem determinação, tem movimento, tem construção...

“O espaço físico como um dos elementos fundamentais para uma Pedagogia da Educação Infantil” é título de artigo de FARIA (1999). Neste, o mapa textual está marcado pelo interesse em provocar um debate em torno da questão do espaço e/ou espaço físico em instituições de cuidado e educação para crianças pequenas, com base em bibliografia nacional e internacional (européia), e, ao mesmo tempo, em disponibilizar sob forma de um roteiro de perguntas aspectos importantes a serem observados quando da organização do espaço físico. Registra-se o sentido “fértil” que o texto propicia, uma vez que se entrecruzam roteiro de questões com repertório teórico. FARIA (1999) defende em seu texto a priorização do “espaço físico no interior da Pedagogia da Educação Infantil apenas como estratégia de redação” em função do entendimento de composição de outros elementos tão importantes na construção de um ambiente educacional e pedagógico. A despeito disso, a autora dedica espaços para questionar o espaço destinado às crianças. Sustenta a idéia de espaço como “pano de fundo”, a “moldura”, conforme reconhece referência de Mayumi Souza Lima, caracterizando-se na roupagem de ambiente.

O espaço físico assim concebido, não se resume à sua metragem. Grande ou pequeno, o espaço físico de qualquer tipo de centro de Educação Infantil precisa tornar-se um ambiente, isto é, ambientar as crianças e os adultos [...] e que permitam emergir as múltiplas dimensões humanas, as diversas formas de expressão, o imprevisível, os saberes espontâneos infantis. (FARIA, 1999, p. 70-71)

A justificativa feita por FARIA (1999), incluir a organização do espaço físico das instituições de Educação Infantil dentre outras dimensões humanas, como: “o imaginário, o lúdico, o artístico, o afetivo, o cognitivo” (p. 74), parece dirigir-se ao encontro de referências teórico-metodológicas nacionais e internacionais de domínio público, leituras e autores consagrados no plano da literatura especializada, conceitos já bem demarcados no campo da Educação Infantil, mesmo que alvos de polêmicas. Perspectivas que sustentam a garantia dos direitos das crianças e da infância, da indissociabilidade do cuidado/educação, da implantação de redes de qualidade, enfim um espaço promotor de vida e não castrador da criança e da infância. A intenção não repousa em resumir o trabalho mencionado, seriam muitas as incursões por ele, todavia, cabe destacar algumas ferramentas teóricas utilizadas por FARIA (1999) na reflexão sobre a temática do espaço físico. Uma delas é a Geografia e seu ilustre representante Milton SANTOS. Uma pausa é necessária! Rara tem sido a interlocução da Pedagogia com a Geografia, uma perda para a educação e Educação Infantil, em especial sobre a compreensão da natureza, organização e função do tempo e espaço sociais e, por que não, escolares, educativos, de familiarização sobre a genealogia dos conceitos de temporalidade e espacialidade. O acervo já produzido por esse geógrafo de quilate permite alimentar uma boa e longa conversa com os profissionais da educação/Educação Infantil sobre a que se destina, que composição, que usos se tem feito dos espaços construídos, vivenciados e dispostos às crianças.⁷ A relação Arquitetura-Educação também se faz presente no texto de FARIA (1999), com destaque para as obras de Mayumi Souza Lima, bem como inúmeros trabalhos de pesquisadores brasileiros, propostas oriundas de experiências educacionais representativas na área, documentos, normatizações etc. Da produção estrangeira sobre qualidade dos serviços para a infância, a autora recorre à parte da bibliografia européia, dando maior destaque para a produção italiana.⁸

7 Algumas obras de Milton SANTOS podem ser indicadas: *A natureza do espaço – técnica e tempo. Razão e emoção* (1999); *Espaço & método* (1997); *Pensando o espaço do homem* (1997); *Metamorfoses do espaço habitado* (1997) e *Técnica espaço tempo – globalização e meio técnico-científico informacional* (1996).

8 São feitas indicações de documentos da “Rede para a Infância da Comissão da Comunidade Européia”; na esfera das experiências italianas são citadas as advindas da região da Toscana, de Milão, da Reggio Emilia, de Pistóia e Módena; indicação também para obra de Francesco Tonucci. Outra referência interessante do mesmo autor é: *La ciudad de los niños: un modo nuevo de pensar la ciudad* (1996) – tradução do livro *Città dei bambini*.

A pista deixada por FARIA (1999) é de que o espaço de um serviço voltado para as crianças, por não ser neutro, indiferente, traduz a cultura de infância, as representações de criança e adultos que marcam esse espaço e pode ainda representar uma importante mensagem do projeto educativo concebido para determinadas crianças.⁹ Vale recolocar a temática do espaço para além da noção de espaço físico. A opção pelo alargamento da temática provoca uma transfiguração do conceito, não se limita à prescrição de objetos como portas de vidro, janelas baixas, cantinhos temáticos etc., distribuídos em um tempo e um espaço determinados, mas credita-se na construção histórica do espaço, ele “não pode ser estudado como se os objetos materiais que formam a paisagem tivessem vida própria, podendo assim explicar-se por si mesmos. Sem dúvida, as formas são importantes. Essa materialidade sobrevive aos modos de produção que lhe deram origem ou aos momentos desses modos de produção.” (SANTOS, 1999, p. 85) Milton SANTOS, ao distinguir epistemologicamente paisagem de espaço, o faz demarcando que os “objetos técnicos” por meio da sua simples presença não têm outro significado senão o paisagístico (p. 85). Reforça-se, assim, a necessária disposição em dirigir o olhar para os *sentidos* que o espaço provoca, para refazer a teia da ocupação do espaço, dar inteligibilidade às destinações e apropriações feitas no espaço social/educacional.

No plano da produção internacional (traduzida para o português), seleciona-se alguns trabalhos que, de forma direta, tratam da questão do espaço na Educação Infantil. *O espaço e o tempo no Jardim de Infância*, de Maria João CARDONA (1999),¹⁰ corresponde a uma síntese de uma pesquisa realizada em 4 salas da rede pública de educação de infância do Ministério da Educação de Portugal, durante o ano letivo de 1987-88. A finalidade do trabalho marca-se a partir da organização do espaço e do tempo das salas de atividades, buscando compreender as práticas educativas do Jardim de Infância assim como dificuldades enfrentadas pelos educadores em relação ao seu trabalho.¹¹ A autora afirma que há inúmeras referências sobre o estudo da

9 Nesse momento, FARIA recorre às questões discutidas e expressas em documento referente ao “IV Simpósio Latino-Americano de Atenção à Criança de 0 a 6 anos” e ao “II Simpósio Nacional de Educação Infantil”, realizado em Brasília, em 1996.

10 Professora da Escola Superior de Educação de Santarém – Portugal.

11 Conforme explicitado no trabalho, a pesquisa realizada tomou como referência as análises de Bonfenbrenner em relação ao estudo científico dos processos educativos. A pesquisa contou também com as contribuições teóricas de Lurçat sobre a classificação de atividades do jardim de infância. Outras referências se fazem presentes, tais como: E. Hall e Albano Estrela.

estrutura espaço-tempo, como assim a nomina. Algumas inspiradas nas teorias da Psicologia do Desenvolvimento, outras percorrem o terreno do tipo de equipamento que deve ser utilizado e propostas a serem utilizadas na organização de atividades em sala. São identificadas como mais recorrentes na documentação pedagógica existente “propostas de trabalho definidas em função de objetivos e finalidades mais valorizados pelos seus autores, fundamentados nas diferentes correntes teóricas existentes ou nas suas próprias práticas, sem obedecer verdadeiramente a uma fundamentação científica baseada na realização de trabalhos de investigação.” (CARDONA, 1999, p. 133) A hipótese apontada por CARDONA é que, devido às características “mais informais da forma de trabalho dos jardins de infância, a maioria dos trabalhos de investigação que se tem realizado na educação pré-escolar tem tido como principal objetivo a observação dos comportamentos das crianças, sem considerar as práticas pedagógicas como principal objeto de estudo” (p. 134). Talvez se pudesse deixar tal hipótese em suspenso, primeiramente, tem-se dúvida pelo emprego da identificação do trabalho, na Educação Infantil, como “mais informal”, isso pode permitir interpretações de não-institucionalização do trabalho, de não-reconhecimento pelas ações desenvolvidas nas instituições de educação e cuidado infantis. Em segundo lugar, pode ser perigoso associar as especificidades de uma área como a Educação Infantil como determinantes na fragilidade teórica das pesquisas. Registra-se a concordância de que a área da educação sofre de problemas de ordem teórico-metodológicos e, na Educação Infantil, esses e outros problemas também se fazem presentes.¹² Entende-se que é preciso avaliar sistematicamente com rigor as condições de produção acadêmica, a trajetória histórica dessa produção, a natureza das pesquisas realizadas, as marcas culturais e institucionais que sustentam tais estudos e as lutas de poder. Entretanto, não se pode sacrificar a crítica à produção acadêmica constituída na justificativa, culpabilização ou relativização de suas fragilidades. ADORNO (1995) é assertivo ao expressar que “a educação tem sentido unicamente como educação dirigida a uma auto-reflexão crítica.” (ADORNO, 1995, p. 121-122)

12 Sobre avaliação da produção acadêmica em educação há vários estudos realizados e conhecidos, como representativo dessa empreitada cita-se o realizado por WARDE (1993), no qual indica que “mesmo situada no terreno da pesquisa científica, a produção discente nos programas de pós-graduação em educação é poupada dos crivos que estão necessariamente implicados nessa espécie de investigação” (p. 51). Sobre exame da produção acadêmica, na área de Educação Infantil, destaca-se a tese de doutorado de Eloísa ROCHA (1999) (Cf. ROCHA, E. *A pesquisa em Educação Infantil no Brasil: trajetória recente de consolidação de uma Pedagogia da Educação Infantil*. Florianópolis: Ed. UFSC, 1999.).

CARDONA (1999), em seu texto, apresenta um dado interessante de pesquisa “em relação ao estudo da organização do espaço na sala de atividades, os trabalhos de investigação que têm sido realizados são escassos e têm, sobretudo, objetivos psicológicos etológicos. Em relação ao estudo da organização do tempo, o número de trabalhos existentes é ainda mais reduzido, podendo dizer-se que é um domínio de pesquisa ainda praticamente inexistente.” (CARDONA, 1999, p. 134) Outro aspecto a ser disposto é o fato de constituir-se em uma marca dos poucos trabalhos, “que a organização do espaço e do tempo não pode ser estudada como variáveis isoladas” e contemplada em um projeto pedagógico determinado. (CARDONA, 1999, p. 134)

À medida que se avança neste texto, alguns elementos comuns nos trabalhos já mencionados vão se revelando e compondo uma espécie de painel de estudos sobre o espaço na Educação Infantil. Em parte dos trabalhos, o esforço empreendido faz mostrar a necessidade do planejamento e organização de atividades, contando com variedade e diversidade na proposição dos tempos e espaços nas instituições infantis, garantindo de ricas interações; a relação espaços internos e espaços externos; a inserção da estrutura espaço-tempo em projeto pedagógico determinado.¹³ Em outros, questões conceituais sobre o espaço; a justificativa da cultura da infância como balizadora das práticas em educação e cuidados infantis; a constituição de redes de qualidade em Educação Infantil.¹⁴

13 Ver WIGGERS, V. *A Educação Infantil no projeto educacional-pedagógico municipal*. Erechim: São Cristovão, 2000. Nessa obra, é reservado um breve momento para a análise da relação “Espaço e tempo” nos documentos-síntese do projeto educacional da rede municipal de Florianópolis, referentes ao período entre 1993 a 1996. Ver também REDIN, E. *O espaço e o tempo da criança: se der tempo a gente brinca*. Porto Alegre: Mediação, 1998. A obra dedica um momento para a questão do “Espaço e o tempo da criança”. Observa-se que, nesse material, o debate se volta para as questões políticas em torno da criança e da infância, da formação dos profissionais da Educação Infantil e das responsabilidades públicas em relação a esses temas. Afirma o autor que em meio à luta pela melhoria da qualidade de vida da população brasileira, inclui-se a “luta pela transformação do espaço e do tempo de escola em espaço e tempo de alegria, de prazer e de bem-querer.” (REDIN, 1998, p. 52) Ainda que necessárias tais posições, identifica-se, particularmente, um uso “arbitrário” das noções de espaço e tempo, uma utilização abstracionista desses termos.

14 Sobre essa questão – redes de qualidade – há inúmeros trabalhos (entre teses, livros, documentos de recomendações disponibilizados diariamente pelos estudiosos da área, nos contornos do território brasileiro e internacional). Não se indica aqui um material específico porque demandaria uma tarefa particular de uma revisão atualizada e ampliada sobre a questão.

ZABALZA (1998) é organizador de uma coletânea com o título de *Qualidade em Educação Infantil*, na qual encontra-se o texto “A organização dos espaços na Educação Infantil”, sob autoria de Lina FORNEIRO (1998). A autora defende que o tema espaço escolar, assim como as possibilidades de formação que oferece, estrutura-se a partir de quatro aspectos: “O que é o espaço? Como deve ser organizado? Como os professores(as) e as crianças o utilizam? Como e quem o avalia?” (FORNEIRO, 1998, p. 229) O texto aborda as duas primeiras questões. Expõe a contraposição à idéia de espaço escolar como um volume a ser preenchido, diferentemente, recorrendo a Eurico Battini – da Faculdade de Arquitetura de Turim – aposta que “é necessário entender o espaço como um espaço de vida, no qual a vida acontece e se desenvolve: é um conjunto completo.” (BATTINI, apud FORNEIRO, 1998, p. 231) O espaço escolar é qualificado como ambiente de aprendizagem e como elemento curricular. Outras derivações são feitas nesse trabalho: “elementos que condicionam a organização dos espaços”, “critérios para uma adequada organização dos espaços”, o “papel dos professores(as) na organização do espaço” e “modelos de organização dentro da sala de aula”. Consta-se uma riqueza nas reflexões e sugestões marcadas por FORNEIRO (1998).¹⁵

Já se tem acesso a outros trabalhos de pesquisadores estrangeiros, publicados em língua portuguesa, nos quais a temática do espaço se faz presente, mesmo que na transversalidade. Neste artigo, as finalidades se voltam menos para uma revisão bibliográfica exaustiva sobre a literatura em Educação Infantil e mais, modestamente, para registrar notas, questões referentes à temática do espaço e como esta vem sendo tratada em determinados trabalhos, sob forma de publicações. Não obstante, cabe indicar uma resenha extremamente frutífera, realizada por BARBOSA (2000), na qual apresenta e analisa “A Educação Infantil na Itália: quatro publicações da Editora Artes Médicas”. O texto cumpre bem o papel de síntese sobre essas produções italianas publicadas pela Editora Artes Médicas, e BARBOSA (2000), que no posto de “consultoria, supervisão e revisão técnica” de três dos quatro livros mencionados, tem um lugar privilegiado de leitora.

15 A autora recorre a diversas referências teóricas, documentos e autores italianos sobre espaço, autores sobre a relação espaço e aprendizagem, outros sobre espaço e recursos materiais, sobre investigação do espaço na escola etc.

Cultura, poder e espaço escolar: os contributos da pedagogia e da história da educação

O trabalho de CUNHA (1998), *Espaço real, espaço imaginário*, do campo da Estética, destina-se a refletir sobre o “problema da imagem como uma intensa vivência no espaço da criatividade artística”. Estuda, para isso, o problema da temporalidade, “tão importante na distinção entre mundo interno e mundo externo, e o dos diversos níveis do espaço.” (CUNHA, 1998, p. 19) O espaço imaginário como fonte criadora de imagens e idéias é o grande motriz do trabalho para CUNHA (1998), não é casual a verificação, em seu estudo, da presença de desenhos infantis com o objetivo de explicitar “as múltiplas perspectivas captadas pelas crianças, vivenciadas e projetadas em imagens visuais.” (CUNHA, 1998, p. 18) A pesquisa é subsidiada pelas referências de Carl Jung, Ernst Cassirer, Maurice Merleau-Ponty e Gaston Bachelard, dentre outros. No momento que apresenta o “Problema do espaço e do tempo”, CUNHA (1998) se propõe a abordar o problema dos diversos níveis do espaço: o espaço objetivo, o espaço subjetivo, os espaços do sonho e da fantasia, o infantil, o da arte e outros possíveis (p. 66).

O espaço demarca também relação de poder, poder de escolhas, de designação, de formação e/ou disciplinarização, de instituição de práticas. O espaço escolar pode ser percebido como um dos elementos constituidores do currículo. “É justamente o espaço escolar, seja ele edificado ou não, aberto ou fechado, amplo ou mínimo, com funções e lógicas específicas (ou não), que permite ou não movimentos de ocupação e limitação, que institui práticas ou sequer as permite. Mais do que isto: espaço de produção e reprodução de saber (e poder) [...]”. (ROCHA, 2000, p. 117)¹⁶ Esse tipo de provocação instiga ROCHA (2000) ao exercício de desvelar os sentidos que o espaço e o mobiliário escolares podem tomar no tempo e como, através de imagens e textos de uma revista (a *Nova Escola*), o espaço pode ser representado. Nessa tarefa, verifica-se a fertilidade das reflexões deixadas por Foucault e reiteradas pela autora na compreensão do “disciplinamento positivo moderno.” (RO-

16 Cf. ROCHA, C. M. F. *Desconstruções edificantes: uma análise da ordenação do espaço como elemento do currículo*. Porto Alegre, 2000. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

CHA, 2000, p. 121)¹⁷ Outros teóricos são citados no estudo de ROCHA (2000), como Varela; Alvarez-Uria; Veiga-Neto; Frago etc., apresentando uma operação que articula com desenvoltura as inquietações da pesquisa com as notas teóricas.

Variadas fontes de pesquisa vêm alimentando e provocando os esforços de pesquisadores. ROCHA (2000) afirma que a escolha pelo periódico da *Nova Escola* está além do fato de este “permitir uma leitura *leve e agradável*, entremeada por inúmeras fotos e ilustrações, é que esta revista foi escolhida para o estudo que realizei: por ser um lugar de construção e representação de discursos que envolvem e inventam *novos e diferentes* ‘olhares’ sobre espaços e móveis escolares.” (ROCHA, 2000, p. 130)

A professora Nilda ALVES(1988), em *O espaço escolar e suas marcas*: o espaço como dimensão material do currículo, apresenta as marcas do trabalho desenvolvido através do projeto intitulado “Escola: espaço e tempo de trabalho – as dimensões materiais do currículo em um estudo diacrônico”, que fora desenvolvido de 1990 a 1994, contando com a participação de inúmeros estudantes (graduação e pós-graduação) e professores (dos cursos de Pedagogia e Comunicação). O terreno da geografia não era lugar desconhecido para a autora, mas registrara o desejo e a necessidade de se estudar melhor o espaço no qual se “davam os processos educativos institucionalizados – a escola.” (ALVES, 1988, p. 14) Para realizar a pesquisa, a autora revela as múltiplas fontes investigadas nos arquivos de Secretarias de Educação e tantos outros (Arquivo Nacional, Arquivo da Câmara dos Deputados do Rio de Janeiro, em periódico educacional, arquivo de fotos de Jornal da época, enfim, em documentos da época e em entrevistas com professores (p. 15). O trabalho aqui mencionado deixa algumas pistas. Parece que o que se localiza no centro é a convocatória representada no desfecho do livro – “A necessidade da análise do espaço (e do tempo) pelo campo do currículo”.¹⁸ Admite-se

17 Tomando a contribuição de Foucault e outros teóricos, alguns estudos vêm se dedicando a examinar a relação entre educação, infância e poder. Sugere-se a leitura de dois documentos interessantes: NARODOWSKI, M. *Infancia y poder*: la conformación de la pedagogía moderna. 2. ed. Buenos Aires: Aique, 1999; e VEIGA-NETO, A. Espaços, tempos e disciplinas: as crianças ainda devem ir à escola? In: *Linguagens, espaços e tempos no ensinar e aprender*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000. p. 9-20; além de uma publicação recente da *Revista Educação & Realidade* (2000) – Os Nomes da Infância.

18 A relação espaço e tempo aparece em outro texto, mais recente: ALVES, N. Espaço e tempo de ensinar e aprender. In: *Linguagens, espaços e tempos no ensinar e aprender*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

que cada vez mais estudiosos vêm pautando a temática do espaço e tempo escolares no terreno da investigação curricular, assim como das reformas educacionais e das práticas escolares. Vale lembrar que essa tarefa vem sendo tecida a partir de redes teóricas específicas. *Representações do espaço: multidisciplinares na educação* (1996) constitui-se em coletânea, fruto de um Seminário realizado na Faculdade de Educação da Unicamp em 1994, que tivera o “propósito de relevância pedagógica de se tentar visualizar a amplitude e a natureza da diversidade de formas inéditas de apropriação e de criação de significados” sobre o espaço (p. 7). Constata-se, nesse material, que a reflexão sobre o espaço e suas representações transita pelos seguintes campos do conhecimento: Psicologia, Filosofia, Geografia, Matemática, Artes e História, gerando interessantes consensos e atritos em torno da temática.

Os terrenos da História e História da Educação têm sido reconhecidamente um bom lugar para se pensar e dar novo significado às problemáticas que marcam a educação, o ambiente escolar, as práticas pedagógicas, a consolidação e reconfiguração das disciplinas escolares e acadêmicas, os livros didáticos, os tempos e espaços escolares, a cultura escolar. VIÑAO FRAGO (2000), ao analisar o espaço e o tempo escolares como objeto histórico,¹⁹ pergunta-se por que esses temas têm entrado na agenda dos historiadores da educação e através de que vias. Os caminhos por ele destacados perpassam a relação com o Movimento Higienista do final do século XIX e início do XX, o terreno da história do currículo e das disciplinas escolares como ancoradores para o estudo de alguns temas e a recente configuração da cultura escolar como um objeto específico, relacionado ao funcionamento interno da educação. VIÑAO FRAGO (2000), recorrendo a TYACK e CUBAN (1995), institui para a cultura escolar um significado de “gramática da escola”.²⁰ Torna-se mais claro quando o autor define, mesmo que de modo provisório, cultura escolar

19 O presente texto “El espacio y el tiempo escolares como objeto histórico” fora publicado, há pouco, em espanhol e encontra-se em meio a artigos organizados sob forma de uma coletânea feita por WARDE, M. J. *Contemporaneidade e educação: temas de História da Educação*. Rio de Janeiro: Instituto de Estudos da Cultura e Educação, 2000. O mesmo texto encontra-se em francês e está disponível em publicação da Revista *Histoire de L'Education*, de maio de 1998.

20 Sobre cultura escolar, há outro texto de VIÑAO FRAGO, intitulado “Por una historia de la cultura escolar: enfoques, cuestiones, fuentes”, de 1998. Em 2000, publicou-se “En torno a la cultura escolar como objeto histórico”, de Antonio Pintado.

como o conjunto de idéias, princípios, critérios, normas e práticas sedimentadas ao longo do tempo nas instituições educativas: modos de pensar e de atuar que proporcionam a seus componentes estratégias e pautas para serem desenvolvidas tanto nas aulas como fora delas – no resto do recinto escolar e no mundo acadêmico – e se integrem em sua vida cotidiana. (VIÑAO FRAGO, 2000, p. 100) (Tradução livre)

Tal posição traz efeitos conceituais, metodológicos de pesquisa sobre configurações e representações dos tempos, saberes, espaços nas instituições de educação, assim como, de Educação Infantil. De modo exploratório, este lugar da História da Educação redesenhado por novos objetos, temas e perspectivas, destitui a normalidade dos conceitos, desnaturaliza a escola, produz novos olhares sobre as fontes disponíveis, põe em cena novos atores – crianças, pais, professores, gestores, etc. –, significados são recompostos sobre infância, escola, cultura escolar. Segundo WARDE (2000), “o cenário escolar ganha ainda mais nitidez quando uma multiplicidade de materiais escolares vem povoá-lo, materiais cujo uso importa determinar.” (WARDE, 2000, p. 15)²¹

Seguindo ainda a trilha indicada por VIÑAO FRAGO, “a configuração, distribuição e usos do espaço e do tempo são elementos não neutros nem marginais, mas, ao contrário, substanciais e determinantes.” (VIÑAO FRAGO, 2000, p. 109) (Tradução livre) O espaço tem história e é por ela constituído.

Seriam muitas as derivações a partir das reflexões descritas nesse e em tantos outros escritos do professor Antonio VIÑAO FRAGO,²² mas por ora, destaca-se apenas que

[...] todo espaço é um lugar percebido. A percepção é um processo cultural. Por isto, não percebemos espaços, senão lugares, isso é, espaços elaborados, construídos. Espaços com significados e representações de espaços. Representações de espaço que se visualizam ou contemplam,

21 Sugere-se um contato mais próximo junto a esse texto, na medida que apresenta, dentre outras questões, as mudanças que vêm ocorrendo no âmbito da História da Educação Brasileira, a interlocução dessa disciplina com a História Cultural e os impactos que essa interlocução tem provocado na escrita da história.

22 Alguns trabalhos que ainda não foram referidos podem ser aqui mencionados: *Tiempos escolares, tiempos sociales* (1998) e *Espacio y tiempo, education e historia* (1996).

que se rememoram ou recordam, mas que sempre levam consigo uma interpretação determinada. Uma interpretação que é o resultado não apenas da disposição material de tais espaços, como também de sua dimensão simbólica. (VIÑAO FRAGO, 1998, p. 78)

Reside aqui uma importante contribuição do campo da História da Educação para a pesquisa em Educação Infantil: dirigir o olhar e os esforços em investir sobre os significados tidos, no decorrer do tempo, para os profissionais da educação, pais, crianças em relação ao espaço vivido nos contornos da escola, das instituições de educação e cuidados infantis ou até mesmo fora delas. Recolher metodologicamente registros, anotações, diários, legislações e normatizações, memórias iconográficas, orais, plantas arquitetônicas, enfim, documentos diversos que, como fontes historiográficas, possibilitem compreender e ressignificar os sentidos daquilo que o espaço promove, institui, hierarquiza, disciplina e educa.

Como demonstrativo, vale a pena comentar sobre uma pesquisa de Mestrado que fora há pouco tempo defendida e carrega no título o esforço de apreender a história da Educação Infantil “por dentro”, de sua arquitetura, de suas propostas pedagógicas e imagens – *A dimensão espacial dos programas de educação infantil*: o espaço físico e as propostas político-pedagógicas das escolas de educação infantil do município de São Paulo, no período de 1975 a 1985. Essa pesquisa, de Rivania DUARTE (2000), buscou “nas reflexões sobre o espaço físico das Escolas Municipais de Educação Infantil – EMEIS, o cotejamento das transformações ocorridas nas áreas interna e externa dos prédios dessas escolas e as propostas pedagógicas que acompanharam essas mudanças.” (DUARTE, 2000, p. 3) É interessante observar que as fotografias, fontes utilizadas pela autora, deixam de ser apenas testemunhos do passado e passam a ser consideradas como fonte histórica, e, desta feita, deve-se ser, assim como o documento escrito, dessacralizada, historicizada para gerar “novos” conceitos aos “velhos” problemas.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, T. Educação após Auschwitz. In: KADELBACH, G. (Org.). *Educação e emancipação*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995. p. 119-138.
- ALVES, N. Espaço e tempo de ensinar e aprender. In: CANDAU, V. M. (Org.). *Linguagens, espaços e tempos no ensinar e aprender*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000. p. 21-33.
- BARBOSA, M. C. S.; HORN, M. G. S. Organização do espaço e do tempo na escola infantil. In: CRAIDY, C.; KAERCHER, G. E. (Orgs.). *Educação Infantil: pra que te quero?* Porto Alegre: ArtMed, 2001. p. 67-79.
- CARVALHO, M. I. C.; RUBIANO, M. R. B. Organização do espaço em instituições pré-escolares. In: OLIVEIRA, Z. M. R. (Org.). *Educação Infantil: muitos olhares*. São Paulo: Cortez, 1994. p. 107-130.
- CARVALHO, M. M. C.; WARDE, M. Política e cultura na produção da História da Educação no Brasil. In: WARDE, M. (Org.). *Contemporaneidade e Educação*. Temas de História da Educação. Rio de Janeiro: Instituto de Estudos da Cultura e Educação, 2000. p. 93-110.
- CUNHA, M. H. L. *Espaço real, espaço imaginário*. Rio de Janeiro: Uapê, 1998.
- DUARTE, R. K. *A dimensão espacial dos programas de Educação Infantil: o espaço físico e as propostas político-pedagógicas das escolas de Educação Infantil do município de São Paulo, no período de 1975 a 1985*. São Paulo, 2000. Dissertação (Mestrado) - PUC-SP.
- ESCOLANO, A.; VIÑAO FRAGO, A. *Currículo, espaço e subjetividade: a arquitetura como programa*. Tradução: Alfredo Veiga-Neto. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.
- FARIA, A. L. G. O espaço físico como um dos elementos fundamentais para uma pedagogia da Educação Infantil. In: FARIA, A. L. G.; PALHARES, M. S. (Org.). *Educação pós-LDB: rumos e desafios*. Campinas: Autores Associados – FE/Unicamp, 1999. (Coleção polêmicas do nosso tempo, 62).
- MIGUEL, A.; ZAMBONI, E. (Orgs.). *Representações do espaço: multidisciplinaridade na educação*. São Paulo: Autores Associados, 1996.
- MOLERO PINTADO, A. En torno a la cultura escolar como objeto histórico. In: RUIZ BERRIO, J. (Org.). *La cultura escolar de Europa: tendencias histó-*

ricas emergentes. Madrid: Biblioteca Nueva, 2000. p. 223-228.

NARODOWSKI, M. *Infancia y poder: la conformación de la pedagogía moderna*. 2. ed. Buenos Aires: Aique, 1999.

OLIVEIRA, Z. M. et al. *Creches: crianças, faz de conta & cia*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

OS NOMES da infância. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 25, n. 1, dez.-jan./jul. 2000.

REDIN, E. O espaço e o tempo da criança. In: REDIN, E. (Org.). *O espaço e o tempo da criança: se der tempo a gente brinca*. Porto Alegre: Mediação, 1998, p. 48-52. (Cadernos Educação Infantil, 6).

ROCHA, C. M. F. *Desconstruções edificantes: uma análise da ordenação do espaço como elemento do currículo*. Porto Alegre, 2000. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Rio de Grande do Sul.

ROCHA, C. F. O espaço escolar em revista. In: COSTA, M. V. (Org.). *Estudos culturais em Educação*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2000. p. 117-142.

ROCHA, E. A. C. *A pesquisa em Educação Infantil no Brasil: trajetória recente de consolidação de uma pedagogia da Educação Infantil*. Florianópolis: Ed. UFSC, 1999.

_____. As pesquisas sobre educação infantil no Brasil: a trajetória na ANPED (1990-1996). *Pro-Posições*, Campinas, v. 10, n. 1, p. 54-74, mar. 1999.

SANTOS, M. *A natureza do espaço – técnica e tempo. Razão e emoção*. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

_____. Da sociedade à paisagem: o significado do espaço do homem. In: *Pensando o espaço do homem*. 4. ed. São Paulo: Hucitec, 1997. p. 37-43.

_____. *Espaço & método*. 4. ed. São Paulo: Nobel, 1997.

_____. *Metamorfoses do espaço habitado*. 5. ed. São Paulo: Hucitec, 1997.

_____. *Pensando o espaço do homem*. 4. ed. São Paulo: Hucitec, 1997.

_____. *Técnica espaço tempo – globalização e meio técnico-científico informacional*. São Paulo: Hucitec, 1996.

SILVA, T. T. *Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

THIAGO, L. P. S. Espaço que dê espaço. In: OSTETTO, L. E. (Org.). *Encontros e encantamentos na Educação Infantil*. Campinas: Papirus, 2000. p. 51-62.

TONUCCI, F. *La ciudad de los niños: un modo nuevo de pensar la ciudad*. Argentina: Losada/Unicef, 1996.

VEIGA-NETO, A. Espaços, tempos e disciplinas: as crianças ainda devem ir à escola? In: *Linguagens, espaços e tempos no ensinar e aprender*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000. p. 9-20.

VIÑAO FRAGO, A. *Espacio y tiempo, educación e historia*. México: Morelia, 1996.

_____. *Tiempos escolares, tiempos sociales*. Barcelona: Ariel, 1998.

_____. El espacio y el tiempo escolares como objeto histórico. In: WARDE, M. J. (Org.). *Contemporaneidade e educação*. Temas de História da Educação. Rio de Janeiro: Instituto de Estudos da Cultura e Educação, 2000. p. 93-110.

_____. L' espace et le temps scolaires comme objet d' Histoire. In: *Histoire de L'Éducation*. Institut National de Recherche Pédagogique. Paris: Service d'histoire de l'éducation de l' I. N. R. P., 1998. p. 89-108.

_____. Por una historia de la cultura escolar: enfoques, cuestiones, fuentes. In: CONGRESO DE LA ASOCIACIÓN DE HISTORIA CONTEMPORÁNEA, 3., 1998, Valladolid. *Culturas y civilizaciones*. Valladolid: Secretariado de Publicaciones e Intercambio Científico, Universidad de Valladolid, 1998. p. 167-183.

WAJSKOP, G.; ABRAMOWICZ, A. Os espaços físicos. In: *Creches: atividades para crianças de zero a seis anos*. São Paulo: Moderna, 1995. p. 30-55.

WARDE, M. A produção discente dos programas de pós-graduação em educação no Brasil (1982-1991): avaliação & perspectivas. In: *Avaliação e perspectivas da área de educação*. Porto Alegre: ANPED, 1993. Mimeog.

WIGGERS, V. *A Educação Infantil no Projeto Educacional-Pedagógico Municipal*. Erechim: São Cristóvão, 2000. p. 116-125.